

NÃO BASTA OLHAR, É PRECISO VER: RELATO DE UM PROJETO INTEGRADOR EM UMA TRILHA ECOLÓGICA

Simeire Ferreira de Jesus ¹
Gustavo Lopes Ferreira ²
Daniela Inácio Junqueira ³

O Programa Residência Pedagógica (PRP) ao qual participamos é no Instituto Federal Goiano - Campus Ceres, consistindo de um projeto ofertado a licenciandos em formação a partir do 5º período dos cursos de Licenciatura de Ciências Biológicas. O PRP nos possibilita práticas de ensino inovador na busca de novas alternativas para o trabalho docente, nos proporcionando uma outra visão no tocante à docência voltada para estratégias e recursos didáticos que alcancem a divergência de discernimentos de aprendizagem dos alunos. Neste relato pretendo discutir como as aulas em espaços ambientais melhoram o comportamento e a socialização dos estudantes. Um aluno em especial, acabou por chamar minha atenção enquanto cumpríamos com as observações em sala de aula. “Dia desses, ouvi uma aluna xingando dentro da sala no horário da aula”, achei aquilo pesado. Logo o estudante, que para aquela faixa etária, (1º ano do ensino médio), me pareceu um tanto quanto distinta dos demais, em estatura, digo. Comecei a notar que essa pessoa, se mostra com certo grau de timidez, dado ao distanciamento e isolamento dos demais alunos. Tal comportamento podia ser visto em aulas expositivas dialogadas, modelo de aula mais comum e praticado que se caracteriza pela exposição de conteúdos, em que o professor incita a participação dos alunos e suas diversas concepções, sendo o docente, o intercessor para que esses alunos, questionem, interpretem e discutam sobre a temática aplicada. A respeito dessa estratégia de aula, Paulo Freire afirma:

O bom professor é o que consegue, enquanto fala, trazer o aluno para o movimento de seu pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma “cantiga de ninar”. Seus alunos cansam, não dormem. Cansam porque acompanham as idas e vindas de seu pensamento, surpreendem suas pausas, suas dúvidas, suas incertezas (1996, p.96).

¹ Graduando do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas no Instituto Federal Goiano Campus Ceres – Go, simeire,ferreira@estudante.ifgoiano.edu.br;

² Coautor, preceptor, Doutor pelo curso de Educação em Ciências da Universidade de Brasília (UnB)- DF, gustavo.ferreira@ifgoiano.edu.br

³ Professora orientadora: Doutora em Botânica, Universidade de Brasília (UnB)- DF daniela.junqueira@ifgoiano.edu.br

Nesse contexto, o autor evidencia o trabalho do professor consciente da interação como o transformador das relações entre docente- discente- conhecimento, com objetivo de aperfeiçoamento, tendo a interação como princípio, e a aula expositiva dialogada, como metodologia para a evolução individual e coletivamente, rumo às possibilidades de mudanças do ensino engessado, para uma didática interativa e inclusiva.

Moreira (2006), afirma que embora as aulas expositivas dialogadas sejam consideradas desvantajosas para o aprendizado, caso sejam bem empregadas no que se refere ao alcance de conteúdo cognitivo, podem contribuir muito para os estudantes. De fato, “ninguém começa a ser educador numa certa terça feira às quatro horas da tarde. Ninguém nasce educador ou marcado para ser educador. A gente se faz educador na prática e na reflexão sobre a prática” (FREIRE, 1991, p.58).

Não há uma receita pronta para a docência, cabe ao professor e futuros licenciandos despertar a sua consciência para a nova realidade epistemológica, pesquisando sua práxis com um olhar mais humanizado, com o intuito de colaborar com a transformação de cada aluno. Não obstante alguns educadores esbarram em processos limitantes como: falta de tempo, falta de investimentos por parte dos responsáveis, estruturas físicas das escolas, falta de laboratórios, entre outros. Os censos escolares mostram que os laboratórios de ciências, os computadores e as bibliotecas são recursos ainda escassos em muitas escolas, aponta o sociólogo argentino Jorge Werthein, representante da Unesco no Brasil (IVANISSEVICH, 2003, p. 29). Mas, obviamente, o problema não se limita apenas à questão da estrutura do ambiente escolar. Essa “deficiência” também pode estar ligada à relação do professor com a docência. Conforme Beatty (2005 apud SCHWARTZMAN; CHRISTOPHE, 2009, p. 31), se o professor não tiver familiaridade e interesse pelas ciências e não souber motivar e estimular seus alunos torna-se difícil desenvolver uma educação em ciências de qualidade.

Krasilchik (2008, p. 87) destaca que mesmo havendo reconhecimento pela notabilidade das aulas práticas, elas representam um pequena parcela dos cursos de Biologia, devido a justificativa de muitos educadores de falta de tempo para preparar essa metodologia, também alegam falta de segurança para controlar todos os alunos, experiência para organizar e falta de equipamentos necessários, além da precariedade nas instalações. No entanto, constata que mesmo tendo alguns fatores limitantes para a realização de aulas práticas, nenhum deles explica a ausência de atividades práticas em cursos de Biologia, também salienta que mesmo sendo em pouca quantidade, qualquer trabalho prático já se torna suficiente para os alunos, pois já lhes

garantem oportunidades para sair da mesmice e explorar suas curiosidades e despertar neles um senso crítico, investigativo, tornando esses estudantes, jovens capazes de elaborar hipóteses, planejar experimentos e executar a teoria na prática.

As aulas práticas têm como objetivo complementar as aulas teóricas. A utilização dessas aulas promove uma visualização daquilo que antes estava presente apenas no imaginário dos alunos, motivando o interesse na aprendizagem. Quando os alunos estão pessoalmente envolvidos, aprendem mais, retêm o conhecimento e desenvolvem habilidades de uma forma mais adequada (PENICK, 1998, p. 95).

Assim, este evento (aula prática) marcou uma de nossas regências. O primeiro tempo da aula ocorreu na sala de aula, e logo depois, a prática no laboratório de microscopia. Momento no qual a turma teve a chance de conhecer os microscópios, e até observar algumas células da folha da planta *Elodea*, (nomes científicos: *Egeria densa*, *Egeria brasiliensis*) é o nome genérico dado a determinadas plantas aquáticas submersas que são do grupo das angiospermas. Nesta ocasião, observei que a “determinada” pessoa a qual motivou este relato, simplesmente fugiu, evitando a participação coletiva no laboratório. Alguns dias depois da aula prática em laboratório, teve início o projeto integrador denominado “Trilhas Interpretativas”, escrito pelo nosso grupo de residentes do PRP. Projeto este que tem como objetivo geral a revitalização da trilha ecológica da instituição do Instituto Goiano Campus Ceres, e na ocasião, convidamos os alunos do primeiro ano do curso de Meio Ambiente Integrado ao Ensino Médio da disciplina de Biologia para desenvolverem o projeto de revitalização da trilha ecológica da instituição já mencionada. Ficou definido então que no primeiro encontro, que aconteceu no mês de março do ano vigente, apresentaríamos o projeto integrador para os alunos, e assim fizemos, além de deixar esclarecido como seria desenvolvido, também sugerimos a eles que formassem grupos para que cada grupo desempenhasse atividades na trilha, conforme as habilidades de cada um. E nesse primeiro contato com a turma fora das estruturas das salas de aula, levamos esses alunos para uma caminhada na trilha, contamos a eles a história da trilha e foi requerido deles fotos e apontamentos sobre os problemas ali existentes. Posteriormente, eles pesquisaram outros exemplos de trilhas ecológicas para descobrirem o que poderia ser melhorado, levantaram hipóteses e, em sala de aula, discutiram sobre as possíveis soluções. Ouvimos suas sugestões e elaboramos um cronograma para o início dos trabalhos, ficou definido os meses de março e abril para apresentação do projeto, reconhecimento da trilha, focando na problematização e sugestões para melhor desenvolvermos o projeto. Em maio demos início à revitalização que deveria ficar concluída até a semana do meio ambiente (primeira semana do mês de junho),

Então no início do mês de maio conseguimos o material necessário para os alunos começarem as atividades, madeiras, tintas, pincéis etc. E nos encontramos no Centro Agroecológico para pôr em ação a revitalização da trilha, onde os próprios alunos são os autores da história, colocando em prática a teoria do projeto que desenvolvemos. É contagiante observar a harmonia e a participação dos estudantes no meio ambiente, foram muitos risos e brincadeiras uns com os outros. Porém sempre tem aqueles alunos um pouco mais distantes da turma, e tem também, a “pessoa” que mesmo em meio a todos ali, ainda se fazia isolada, contudo, assim que começaram as ações de revitalização, tivemos uma surpresa, ao notarmos a união da turma, todos estavam ali para um só propósito: a realização do projeto.

Começando pelo Parque Agroecológico, retiramos os objetos velhos do local, limpamos, plantamos mudas de plantas em alguns locais, pintamos placas para melhor sinalizar toda a trilha, e, aquela “pessoa” que começou longe da turma, trabalhando completamente isolada, com o passar dos nossos encontros ali, já podia ser vista trabalhando em conjunto, já não percebia – se indivisibilidade por ali e o trabalho fluiu muito mais leve, descontraído, com breves intervalos para uma brincadeira ou outra. Num trabalho semelhante a esse que desenvolvemos, foi realizada uma investigação que contextualizou o ensino a partir de vivências ambientais. Concluindo que o uso de Trilhas Ecológicas representa no citado estudo uma ferramenta real de aprendizagem na medida em que é utilizada pelo educador e alunos em atividades pedagógicas que propiciam processos de aprendizagem. O conceito de intervenção pedagógica foi descrito a partir do seu significado baseando-se na teoria freireana.

Nesse contexto, podemos dizer então que a pessoa a qual o presente relato se refere, pode ter se sentido mais confiante, nessa proximidade com a natureza, até porque aulas práticas trazem a possibilidade de os alunos relacionarem o conhecimento científico com sua vivência no dia a dia. Observando as ações dessa pessoa, surgiram algumas dúvidas: como essa pessoa vive fora dos espaços da escola? tem uma vida tranquila com sua família? Como será o comportamento em outros ambientes? Essa pessoa tem com quem conversar em casa, trocar experiências, falar sobre seus medos, sonhos e perspectivas? Será que sofre de algum transtorno? Será que precisa de ajuda, mas não consegue se expressar? Ser um educador, requer um olhar holístico em sua volta, em seus alunos, vai além do ensinar, alimentando conhecimentos e sonhos, ser professor, também é ter uma relação de amizade com seus alunos, a fim de conquistar a confiança e conseguir encontrar formas para amparar esses alunos, instigá-los a usar a criatividade dentro de si, elaborar projetos, formar outros saberes, além dos saberes empíricos que cada um traz consigo adquiridos no meio em que estão inseridos.

Ademais, o projeto integrador “Trilhas Interpretativas” ainda segue em desenvolvimento e até aqui, participamos com os alunos da execução de atividades em campo, sendo possível afirmar que, trabalhar com os adolescentes e presenciar a união, a força de vontade e a alegria transmitida por eles, faz com que olhemos para a docência com maior responsabilidade, pois cada pessoa é um universo, e respeitar esse universo individual fortalece os vínculos entre docente e alunos, temos a possibilidade de encorajá-los ou desanimá-los diante dos problemas do cotidiano, temos em nossas mãos o dom para construir ou destruir os sonhos dentro do mundo interior deles. todavia, nós residentes, passaremos a desenvolver o PRP em escola de ensino fundamental em outro local, apesar disso, podemos concluir que o PRP está sendo um avanço dentro do ensino, tem preparado bem os graduandos, em contra partida, influenciando positivamente os alunos que são privilegiados com a experiência desse projeto em suas salas de aula, pois com as novas metodologias ativas, é possível uma maior contextualização dos conteúdos abordados em salas de aulas, contribuindo para o ensino da Biologia no ensino médio e fundamental.

Palavras- chaves: Biologia; Observação; Prática; Projeto.

Referências:

DAYRELL, Juarez. A escola como espaço sociocultural. **Múltiplos olhares sobre educação e cultura. Belo Horizonte: UFMG**, v. 194, p. 136-162, 1996.

DE LIMA, Daniela Bonzanini; GARCIA, Rosane Nunes. Uma investigação sobre a importância das aulas práticas de Biologia no Ensino Médio. **Cadernos de Aplicação**, v. 24, n. 1, 2011.

EGESLAINE, D. E.; SANTOS, Camila Andrade. Reflexões sobre a metodologia das aulas expositivas na educação básica e superior. **Revista de Educação do Vale do Arinos-RELVA**, v. 4, n. 1, 2017.

KRASILCHIK, M. **Prática de ensino de Biologia**. 4, ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008. Cap.4 e 5.

SOUZA, Rodrigo Diego de. O trabalho dos professores de Biologia: a teorização a partir das contribuições dos pesquisadores da área de ensino de Ciências e Biologia. **Ciência & Educação (Bauru)**, v. 27, 2021.